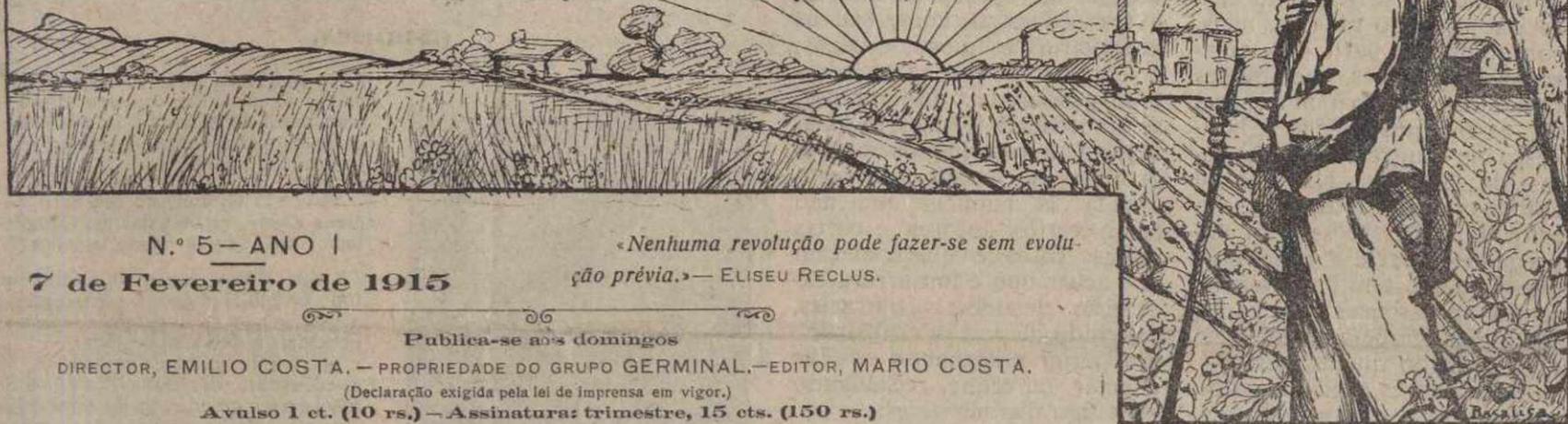


# Germinál



N.º 5 — ANO I  
7 de Fevereiro de 1915

«Nenhuma revolução pode fazer-se sem evolu-  
ção prévia.» — ELISEU RECLUS.

Publica-se aos domingos

DIRECTOR, EMILIO COSTA. — PROPRIEDADE DO GRUPO GERMINAL. — EDITOR, MARIO COSTA.

(Declaração exigida pela lei de imprensa em vigor.)

Avulso 1 ct. (10 rs.) — Assinatura: trimestre, 15 cts. (150 rs.)

Comp. e imp. nas OFFINAS GRAFICAS — Rua do Poço dos Negros, 81

Redacção e administração — Rua da Barroca, 51, 3.º — LISBOA

## INTERROGAÇÕES

Novo ministerio; com o do governo provisório, é o oitavo da Republica. Trabalho realisado até agora... é melhor não falarmos em coisas tristes.

Falou-se para ahi em governo militar ou coisa parecida, talvez por causa dos acontecimentos que precederam a queda do segundo governo afonsista. Mas parece que assim não é, o que de resto não tem importancia, porque ele apparecerá, desde que isso se julgue necessario.

Agora todas as atenções estão concentradas no jogo da politica partidaria: autoridades administrativas, eleições, divisão de circulos, chefes de gabinetes ministeriaes e outras coisas da mesma transcendencia e utilidade.

Entretanto lá vão marchando mais soldados para a Africa; e quanto a aclararem-se os escandalos, que se deixaram entrever, de fornecimentos para expedições e outras operações preparatorias de guerra, nunca mais se ouviu uma palavra.

Apurou-se, legitimou-se ou reconheceu-se que tudo era calunia, com a queda do governo afonsista?

E agora, ha mais expedições á Africa?

Vae-se ou não para a guerra na Europa?

Está ou não o governo inglez á espera do auxilio que pediu... ou que não pediu?

Resolve-se ou não a questão do pão, de modo que o povo não fique intrujado?

Ou tudo isto desapareceu porque é preciso pensar na nomeação de novos governadores civis e de novos deputados?

Os jornaes diarios, os taes, partidarios ou não, que refletem «o pensar e o sentir da opinião publica», pouco ou nada dizem daquelas ques-

tões, com as quaes se enchiam colunas de prosa inflamada em defeza quer dos interesses quer das gloriosas tradições do paiz.

Pois não seria mau que nos dissessem o que se tem passado lá por Angola, e o que se conta fazer. Não que nos interessem muito as glorias ou os proventos da campanha, mas porque sabemos que quem paga as favas... pôdres que os soldados comem—ou não comem—é o povo, o pobre, o que não é governador civil, nem deputado, nem burocrata. Ao menos para se avaliar da despeza feita, embora muito por alto, ou melhor, muito por baixo.

Ou não terá o povo soberano desta democracia, o direito de saber porque o mandam morrer ou inutilisar-se em Africa e lhe arrancam dinheiro para as despesas das expedições ou lá para o que é?

Ou julga-se que o povo se contenta, em guiza de explicação, com frases, por vezes bem mal armadas, sobre a gloria a conquistar, a honra nacional a defender, as afrontas a castigar e outras cantilenas da mesma especie?

E d'ahi, talvez que sim; ele contenta-se com tão pouco!...

### A questão do pão

Em uma reunião efectuada na séde da União Operaria Nacional advogou-se a importação urgente de trigo, a fim de se impedir a falta de pão. Afigura-se-nos que a questão agora não é essa; é a da inalterabilidade do preço do pão. Que a importação de trigo se tornou absolutamente necessaria e inevitavel, é já ponto assente. Mas esse acto traz consigo um pesado encargo para o importador—moageiros ou governo. Mantendo-se o actual preço do pão—e a nós bacoreja-nos que não se mantem—como e por quem é distribuido esse encargo? Eis o problema.

## Os anarquistas e a guerra europêa (\*)

Os anarquistas que em nome da integridade e da pureza da doutrina, combatem os que pregam a defeza contra a Alemanha invasora, fazem-no levados por considerações que creio erroneas e das quaes as principais são as seguintes:

Na critica que fazem (falo em geral pois em tudo ha excepções) não distinguem bem entre anarquistas de países invadidos e postos a saque e países que estão directamente fora da contenda. Entre estes, ainda haveria, se se quizesse levar mais longe o exame, que distinguir entre os que estão envolvidos na guerra mas não invadidos (Inglaterra), os que podem, dum momento para o outro, entrar nela, como a Italia, e os que se podem considerar como livres dessa contingencia. Mas pelo menos aquella distincção entre países invadidos e não invadidos, tem de fazer-se.

E' com justiça que se assimila a invasão alemã, «feita sem provocação dos invadidos», a uma invasão de barbaros. A barbaridade está nos processos. O incendio, o roubo, o saque, o assassinato, a tortura, a destruição, o morticínio, a apropriação de bens e de pessoas—de tudo isto tem havido e á farta,—não deixam de ser actos barbaros, legitimando toda a defesa, só porque teem atraz deles uma civilização capitalista. Por isto mesmo se ha diferença entre Guilherme II e Atila, é éla em favor deste ultimo, que nem sequer usava, quando falava aos seus soldados, da linguagem empregada por Guilherme II, mesmo em tempo de paz. Ora o estado de espirito e as necessidades de solidariedade que uma invasão como esta fazem surgir, é natural que provoquem atitudes diferentes daquelas que a invasão provoca aos que estão longe dos acontecimentos. E não é por se ser anarquista

que se está liberto de sofrer a influencia do meio e dos acontecimentos; as ideias que se possuem não são, nestas condições, poderosos factores de conduta, tendo muita mais importancia, o temperamento e as circunstancias individuaes de momento, as quaes se não podem determinar, variando ao infinito.

Bastava esta consideração para que, na apreciação que se fizesse da attitude dos camaradas dos países invadidos, houvesse cuidado em não condenar ou depreciar.

Mas o mais curioso, é que ha quem tenha feito aquella consideração, não deixando todavia de condenar e depreciar.

Mas ha outros camaradas que, sem pegar em armas e estando fora dos países invadidos, aplaudem aquella attitude e até alguns, mais ou menos incitam a que ela seja seguida, havendo tambem os que, não aplaudindo muito ostensivamente e ainda menos incitando abertamente, simpatizam com aquella attitude ou compreendendo-a, justificam-na.

Isto quer dizer que entre os que estão fora directamente do conflito armado, ha varias opiniões e attitudes, o que é natural.

Sobre todos estes, discuta-se muito e como se quizer, mas

(\*) O leitor já notou certamente, o mal ordenado destes artigos, onde ha materia que, não sendo inutil, tem arrastado um pouco o assunto. A causa disto é o seguinte: Por motivos que não vêm para o caso, tencionava tratar a questão numa conferencia. Desaparecendo esses motivos e tendo-se depois decidido a publicação do *Germinál*, resolvi dizer nele o que diria na conferencia. Resultou disto a influencia do modo da publicação: fazer-se o trabalho aos bocadós, o que tende a diluir o assunto, para o que deve tambem concorrer o que se passa e o que se lê.

Mas pelo exposto, vê o leitor que eu procurarei remediar o mal.

*discuta-se.* Examinem-se as razões apresentadas e os motivos invocados, mostre-se que se está em desacordo, aclare-se tudo quanto se diz, mas não se diga nunca, como se tem feito e se está acentuando cada vez mais, sobretudo por parte dos camaradas hespanhoes, que aqueles camaradas atraíram a causa, são ex-anarquistas, que se houvesse um congresso seriam postos de lado, etc. Não falo de epítetos pejorativos, que no calor da discussão se tem empregado de parte a parte, pois que isso não tem importância, sendo apenas mais uma prova de que os temperamentos tem mais força do que as ideias.

Mastraidores, excomungados, ex-anarquistas, porquê? Porque pensam de modo diverso? Mas então onde está a tolerância, o espirito de relatividade, próprios da moral anarquista?

Ha um dogma ou dogmas anarquistas?

Pois não é a propria discordância d'opinões a mostrarmos que não ha rigidez nas ideias e portanto na conduta? E se aqueles tiverem razão? E' inadmissivel? Isso diz a Igreja, não o podem dizer anarquistas, os livre-pensadores, os irreverentes por excellencia, os que tudo examinam, porque a verdade não é uma nem eterna, porque ela pode estar onde menos se julgue encontra-la, porque a verdade de hoje é o erro de amanhã—isto até nas sciencias positivas, quanto mais na sociologia e sobretudo na sua applicação!—.

Bem sei que, embora relativamente, ha principios fundamentaes, pelos quaes nos regulamos enquanto a sua falsidade nos não é demonstrada. Mas por isso mesmo, não havia o dever de respeitar a qualidade de anarquista aos que em nome desses principios falam, sem que a sua conduta moral mostre que os atraíram e com um passado que deve ser um elemento do juizo a fazer?

Outro aspecto da critica feita, foi o alarme levantado com a attitude daqueles camaradas, e que creio foi excessivo. Um excelente camarada, não me chegou a dizer, em seguida á publicação da carta de Kropotkine ao professor G. Steffen, que «estavam matando o anarquismo»?

Eu creio que este receio manifestamente exagerado, que alguns sentiram, contribuiu muito para intensificar a critica feita e fazer dizer muita coisa que se não diria a sangue-frio.

Mas não tem razão de ser, porque o anarquismo em nada está dependente da discussão entre camaradas ou de quaesquer attitudes que se tomem.

Por bem maiores difficuldades ele tem passado, por causa de attitudes e orientações (epocas de Ravachol, Dreyfus, Bonnot, etc) e não se encontrou combatido. E depois... este receio de attitudes que se tomam, con-

trarias á nossa, não parece mostrar que se tem pouca confiança na doutrina que se defende?

Quem se apavora com a revelação das opinões contrarias e respectivas attitudes, são os autoritarios religiosos e laicos; e é por isso que ha o *index-expurgatorio*, leis de imprensa, se amordaçam jornaes, se queimavam livros impios ou se proibem de circular, se recommenda ás familias que não leiam certos autores e certas folhas. Esses é que começam por achar que é um erro a exposição de ideias contrarias, passando depois a chamar-lhe um perigo e acabando por lhe chamar um crime, reclamando o castigo dos hereticos.

Mas ha ainda outras ideias a originarem as censuras e os alarmes que a meu ver se não justificam: a coherencia, a equivalencia dos regimens politicos, a importancia atribuida ao factor economico e consequente regeição dos outros factores como de importancia minima.

(Continua).

Emilio Costa.

### Uma explicação

Com *Jranquezinha franca* nos fala a *Aurora* no seu ultimo numero. De sorte que não é preciso esperar que o tempo esclareça a attitude aggressiva que ela tomou para com o *Germinal*. As suas palavras de agora explicam o caso edificadamente. Para a *Aurora* o que ha é sobretudo... uma questão de centavos. Ela vê no *Germinal* um concorrente e trata por isso de o desacreditar para manter firme a sua clientela. Que miseria! E que tristeza que faz o verificá-la!

Noutros tempos era com a maior satisfação que os camaradas recebiam a noticia de ter aparecido mais um jornal defensor das ideias libertarias. Agora é o que se vê! Pois seja. E já que nos é forçoso analisar tão triste documento humano, façamo-lo, mas depois doutro numero da *Aurora*. Póde succeder vir lá a rectificação ou aclaração da frase — «os camaradas traziam entre outros o intuito de combater as ideias que modestamente defendemos,» — e o sentido dela importa bastante ao que temos a dizer.

### A «Kultur» e «Ferrer»

Os soldados da *kultur*, ao que contam gazetas, acabam de derribar e destruir o monumento que ha tempos fôra erigido na capital da Belgica, em honra de Francisco Ferrer.

«Para os ultramontanos da Espanha,— comenta *A Lucta*— como para os cesaristas da Alemanha, Ferrer é a «Escola Moderna» e a escola moderna é a porta para um futuro que elles detestam».

## FIGURAS DA SOCIAL

### LUIZA MICHEL

(1830-1905)



«Quem foi Luiza Michel?

«Uma santa, uma iluminada, uma visionaria, uma louca, uma criminosa incendiaria, diz-se da banda da burguesia. E ela era uma mulher cheia de bondade, uma revolucionaria, mistica talvez, mas absolutamente sincera: uma humanitaria, por certo, dogmatica e paradoxal, mas em todo o caso pondo o seu humanitarismo em acção.

Pode-se qualificá-la de sabia, de filosofa? Não. Impulsiva em subido grau, era a maior agitadora. Emfim, o seu sentimentalismo tinha alguma coisa de bizarro, de anormal mesmo, e a sua vontade aparecia frequentemente como que perturbada; a sua obstinação tornava-se ás vezes monomania, e a sua sinceridade produzia nela inconsequencia e imprudencia.

«Tudo isto quer dizer que ela tinha, como o comum dos mortais, as suas «qualidades» e os seus «defeitos», mas qualidades predominantes, e defeitos que não faziam mal a ninguém.

«O que nela houve de sublime é que apesar dos seus dissabores, das suas afflicções, dos seus desgostos, das suas desilusões intimas e dos seus rancores, semeou sempre por toda a parte a eterna confiança que reanima e reconforta. Sabia ligar os seus fulgores de esperanza e fazer d'elles um facho, com que iluminava as multidões. E depois

a sua convicção gigantea era soberbamente corajosa: não cometeu nunca o mais baixo de todos os crimes—prégar a calunia aos explorados e a resignação aos famintos.»

São de E. Girault, no seu livro *Lobonne Louise*, estas palavras. Completamos nós, dalgum modo, a evocação

Luiza Michel encarnou e sublimou todo o Belo Humano: a generosidade, a bravura, a abnegação, realçadas pela mais nobre simplicidade.

Sob o Imperio, ainda muito nova, foi a educadora desvelada dos filhos do povo e o seu grande coração comovia-se com os sofrimentos dos deserdados. Como professora compreendeu que as alegrias dos ricos são tecidas da desgraça dos pobres; e juntou-se aos lutadores que queriam destruir o cesarismo para estabelecer uma sociedade melhor.

Nas horas sombrias de 1870-1871, Luiza foi enfermeira nas ambulancias, cuidando dos feridos, durante os combates, sem recear a metralha; depois, quando a reacção versalheza tentou estrangular Paris, pegou numa espingarda e combateu no forte de Issy, nos Moulinaux, nas barricadas, em defesa do direito social e da liberdade.

Quando os fuziladores vitoriosos transformaram Paris num vasto campo de carnagem, ela podia ter fugido; mas, sabendo que sua mãe fôra detida e era conservada em refens, não hesitou um momento e entregou-se á prisão. Ante o conselho de guerra, fustigou os juizes com o seu desprezo e lançou-lhes ás faces o seu desdem da morte.

Escapou ao fuzilamento em Satory para ser arremessada á deportação na Caledonia. Ahi, durante nove anos, foi exemplo de constante abnegação e de altivez estoica.

De regresso a França, pela amnistia, —em 1880—retomou logo o seu posto de combate social. E a Republica, em que os desherdados depositavam sinceramente as suas esperanças, continuou a não ter para ela senão rigores. Depois da deportação, a cadeia. Depois da cadeia, o exilio!

Luiza Michel nasceu aos 27 de Maio de 1830, em Vroncourt, no Alto Marne (França), e morreu no hotel Oasis de Marselha, a 10 de Janeiro de 1905, por occasião de uma excursão de propaganda.

### FRAGMENTOS

Pretendeu-se fazer das mulheres uma casta, e sob a força que as esmagava através dos acontecimentos, operou-se a selecção: nem nos consultaram para isso, nem nós temos de consultar seja quem fôr. O mundo novo nos reunirá á humanidade livre, na qual cada ser terá o seu lugar.

Porque era eu ali uma privilegiada? Ignoro-o. Talvez porque as mulheres gostam das revoltas. Nós não valemos mais do que os homens, mas o poder ainda não nos corrompeu.

Se um poder qualquer fosse susceptivel de fazer alguma coisa, esse poder seria a Comuna, composta de homens de intelligencia, de coragem, de extrema honestidade, que desde a vespera ou de ha muito tinham dado provas indubitaveis de dedicacão e energia. Incontestavelmente, o poder aniquilou-os, não lhes deixando vontade implacavel senão para o sacrificio.

A larga e pronta hospitalidade é de ha muito a gloria da Inglaterra. Ela hauriu no passado essa virtude: outras nações lá vão haurir as ferocidades já desaparecidas.

As obras e a vida dos que lutam pela liberdade não vão ficando aos bocados pelo caminho?

Uma vez que eu dizia a madame Lamel o que pensava sobre a impossibilidade em que no poder se encontram os homens — não importa quais — de fazer outra coisa que não seja cometer crimes, se são fracos ou egoistas, ou ser aniquilados, se são dedicados e energicos, — respondeu-me ela: «E' tambem o que eu penso». Como tinha muita confiança na rectidão do seu espirito, a sua aprovação deu-me muito prazer.

O tempo actual é muito semelhante ao fim do Imperio, com um aumento feroz das repressões, com

uma acuidade mais cruel de sangüinários horrores, exhumados do barbaro passado.

Como se haja seja o que for capaz de impedir a eterna atracção do progresso! Ninguém pode matar a ideia a tiros de canhão, nem pôr-lhe algemas.

O fim aproxima-se tanto mais quanto o ideal verdadeiro aparece mais forte e mais belo, do que todas as ficções que o precederam.

Tambem quanto mais o presente for pesado e esmagador para as multidões, maior será a pressa de sair d'ele.

Hoje que vinte e seis anos são passados depois da hecatombe, através da miseria e da opressão cada vez mais terríveis dos trabalhadores, nós vemos cada vez mais proximo o mundo novo.

Como o vigia habituado a distinguir ao longe nas nuvens o sinal de tempestade, nós reconhecemos o que já vimos.

Minuto a minuto, o velho mundo mais se submerge; a eclosão da era nova é imminente e fatal, nada pode impedi-la, a não ser a morte.

Só um cataclismo universal impediria o cocene que se prepara.

Os grupos humanos atingiram a humanidade consciente e livre: estamos no final.

Lembra-me que uma noite arrisquei esta ideia: sendo electricidade o pensamento, tornar-se-ia possível fotografá-lo, e como elle não tem lingua, representar-se-ia por sinais semelhantes a sulcos de relampagos, os mesmos para todos os dialectos, uma especie de stenografia.

Já se pode ver através dos corpos opacos: nada impede o ir-se até ao fim.

Tambem os mundos, graças á ciencia, não guardarão mais os seus segredos e será isso o fim dos deuses; a eternidade antes e depois de nós no infinito das esferas realizando como os seres as suas transformações eternas. Coragem, eis aí o germinal secular.

Luisa Michel.

NOTA. — Esta secção sairá no primeiro numero de cada mês.

### Primeiras letras

## Ação directa, acção politica

Para os militantes do movimento operario, a *acção* reveste diversos aspectos, conforme se subordina a um destes metodos — o libertario ou o autoritario, ou conforme se norteia por um destes principios — a democracia e o seu sucedaneo, o socialismo parlamentar, que substituem o representado pelo representante, ou o sindicalismo, que, eliminando o intermediario ou medianeiro, só conserva o interessado.

Dahi as duas formas que em seguida se definem.

**Acção directa** — Toda a pressão exterior á maquina governamental ou burguesa, exercida pelo proletariado, independentemente de intermediarios ou medianeiros, sejam ou não «representantes do povo», con-

tra o patronato e contra os poderes publicos, quer para o melhoramento das condições materiais e morais do trabalho, quer para a diminuição constante das atribuições do Estado e supressão das restrições legais que tolhem a luta operaria. Mais resumidamente: luta do proletariado organizado, sem intervenção de estranhos, pela conquista de melhoramentos mediatos ou immediatos. Conforme as circunstancias, pode ter ou feição benevola e acentuadamente pacifica ou feição vigorosa e violenta. Não reveste uniformidade: é multipla, difusa, como a requiere a complicada vida actual. Função normal dos sindicatos profissionais, caracter essencial da sua constituição, a *acção directa*, bem vistas as coisas, é a *acção sindical* em toda a sua pureza.

**Acção politica** — Emprego do sufragio para o uso do poder — legislativo ou municipal; por outras palavras, intervenção da classe trabalhadora no governo da burguesia. Ha quem lhe chame — *acção eleitoral*, e tem

por derivado a *acção parlamentar*. E' a *acção indirecta* ou *legal* de alguns. — O congresso socialista de Londres (1897) adoptou a seguinte definição de *acção politica*: — «O congresso entende por *acção politica* a luta organizada, sob todas as formas, para a conquista do poder politico e seu uso legislativo e administrativo, no estado e na comuna, pela classe operaria, para a sua emancipação».

Foi ahi por 1871 que começou a ser propagada a necessidade de os operarios entrarem no movimento politico. Todavia, em 14 de Julho de 1878, ainda Jules Guesde escrevia na *Égalité*: — «Toda a intervenção eleitoral da classe trabalhadora redundará fatalmente em proveito da burguesia.» Os socialistas, que adoptaram a *acção eleitoral*, primeiro como meio de protesto, em seguida para revista de forças, depois para conquistar os poderes publicos, vieram a ser acusados de a empregarem por simples interesse pessoal.

Abc.

## A PROPOSITO DA GUERRA

Abdica-se pegando em armas? — Os anarquistas alemães

Numa carta (Bataille Syndicaliste, 2-12-914) dum sindicalista que pegou em armas: (18-11-914).

«O segredo da valentia dos exercitos da Republica está em que eles se batem por um ideal, porque querem salvar o futuro e continuar na paz, solidamente estabelecida, a *acção da emancipação operaria*.

Certamente que quando voltarmos, teremos que sofrer uma onda de militarismo, mas que será de curta duração, quebrada pela nossa attitude. Nada a temer por esse lado; mas quero dar-te parte de certas apreensões que tive em seguida a varios actos de propaganda reaccionaria, na linha de batalha.

Certos aristocratas que se encontram conosco, esperam captar a confiança das tropas e «varrer» pelas armas o regimen. Falam da paz nacional e preparam na sombra um movimento que, se triunfasse, acabaria com as nossas liberdades. São como os emigrados de Cablentz; mas vendo que estes tinham naquela epoca, estragado as coisas, querem actuar mesmo no interior do país. Devemos redobrar de vigilancia e estarmos prontos a salvar a Republica se a sua existencia estivesse ameaçada. E' certo que ela não é o que sonhamos, mas é preciso que não voltemos para trax. Crê que o que eu te digo é exato e já ha bastante tempo. Sigo com atenção os seus manejos e segundo o que eles dizem, trata-se dum plano combinado. Nós estamos vigilantes e contamos com vocês. E' preciso que tanto sangue vertido não o seja inutilmente. Esperamos derrubar o regimen mais imperialista para que se abra uma era nova; não queremos voltar ao passado. Esses senhores hão-de encontrar-nos pela frente»

A *Bataille Syndicaliste* de 17-1-915, reproduz do jornal inglês *Arbeiter Freund* a seguinte carta dum camarada da Alemanha:

Caros camaradas:

Desejais por certo saber o que é feito dos camaradas alemães que passam esta terrível tormenta. Antes de tudo devo dizer-lhes que todos os anarquistas e sindicalistas são, sem excepção, contra a guerra. A agitação do partido S. D. que desculpa o crime dos nossos governantes como necessidade historica, para livrar o mundo do monstro moscovita, não produziu influencia alguma sobre eles. E' que estes conhecem bem as causas da guerra e não se deixam levar por afirmações sofisticadas. Infelizmente o seu numero é bem pequeno na Alemanha, e comtudo . . . O governo bem sabe quem deve temer. Enquanto a maior parte dos jornais socialistas democratas se publicam livremente, «porque os seus redactores prometeram ao goveano não criticar os seus actos e evitar toda a polemica de classe,» todos os jornais anarquistas foram suprimidos. O governo vendo, em seguida á declaração de guerra, a attitude do partido S. D. proclamou logo a amnistia geral para os presos politicos e desertores e muitos socialistas notorios, como Rosa Luxemburgo, beneficiaram com esta medida. Mas os nossos camaradas ficaram excluidos do favor e muitos deles acham-se aquartelados nos batalhões disciplinares ou fazem-lhes executar trabalhos nas fortalezas; não quiz am misturá-los com os outros soldados, para que estes não fossem corrompidos no seu ardor patriotico. Militantes conhecidos foram presos em Berlim, Hamburgo, Bremen, etc. Em Berlim e Hamburgo foram distribuidos manifestos contra a guerra; a policia fez buscas domiciliares, mas sem proveito. Quando o governo enviou o *ultimatum* á Russia, os nossos camaradas organizaram reuniões de protesto em Berlim, Dusseldorf e outros pontos, mas foram proibidas, presos os organizadores e proclamado o estado de sitio em toda a Alemanha. A opinião geral não é, de forma alguma, tão entusiasta como os jornais dizem. E' certo que a febre guerreira ganhou a massa, sobretudo nos primeiros dias; mas existe um descontentamento nos meios operarios, sobretudo nas organizações da S. D. que não estão d'acordo com os chefes, tendo Rosa Luxemburgo, Liebknecht, Mehering e outros, declarado a sua contradição formal com o comité central. O que é certo é que a guerra actual será a condenação de S. D. Enquanto o exercito alemão se bate no estrangeiro, o descontentamento é mais ou menos disfarçado. Mas creio que as coisas

mudarão, quando se combater em territorio alemão e o militarismo prussiano tiver a sua primeira derrota. Julguei sempre impossivel uma revolução na Alemanha; mas agora mudo por completo de opinião, e creio firmemente que virá da Alemanha o primeiro sinal da Revolução».

## NOTAS LIGEIRAS

Gente que pretende ter muito olho, afirma com decisão que «a actual guerra não se declararia, se acaso não houvesse existido uma rivalidade de interesses materiais entre duas das grandes nações beligerantes (Inglaterra e Alemanha), que entre si vinham disputando o lugar de supremo dominio no mercado mundial». Deve ser isso. Mas a *actual guerra* começou por a Austria desafiar a Servia. Em seguida porque a Russia se preparasse para defender a Servia a Alemanha, aliada da Austria, declarou-lhe guerra, e como a França, em razão disso, por motivos de aliança, não pudesse ficar quieta, a mesma Alemanha entrou em guerra com esta, passando pelo Luxemburgo e pela Belgica. Foi a invasão da Belgica a causa proxima da intervenção da Inglaterra. De modo que, se a Inglaterra se conservasse indiferente a essa invasão e ao resto, apesar da rivalidade, não haveria a *actual guerra* mas outra . . . acaso semelhante.

Se de ambos os lados, na actual guerra, ha muitos trabalhadores entre os combatentes, porque se pretende que as simpatias doutros trabalhadores vão mais para o lado dos franceses, do que para o lado dos alemães? Naturalmente porque os trabalhadores alemães, possuindo, como eles blasonavam, a melhor e a mais solida e vasta organização de luta proletaria, a transformaram em cego instrumento do kaiser e da kultur, no seu sonho de conquista e dominação. Naturalmente porque os trabalhadores alemães, invadindo a França pela Belgica, não erguiam a bandeira do proletariado, mas a do seu inimigo, o cesarismo, não lutavam contra nenhum capitalismo, contra nenhum Estado, mas a favor do capitilismo, do Estado do seu país, para submeterem a elle os franceses, seus irmãos. Naturalmente porque os trabalhadores franceses ainda não fizeram senão resistir ás pretensões odiosas dos bandos do seu inimigo de classe, em que se encorporaram ou deixaram encorporar os trabalhadores alemães.

Qualquer.

### Obra da demagogia

De J. Carlos Rates, no suplemento ao *Sindicalista*, comemorativo da greve geral de Janeiro de 1912:

«A que attribuir o desmembramento da organização sindical tão promettedora que ahi tinhamos? Aos politicos? á classe capitalista? Não. A nós proprios, os sindicalistas militantes, que não soubemos reagir a tempo contra a demagogia que se infiltrou nos organismos operarios a determinar-lhes a *acção* e que os conduziu á morte aparente.

Estamos de acordo. Se não fossem os demagogos, os insurreccionais, os sonhadores de *jacqueries*, com certeza melhores dias teriam decorrido para a organização sindical.

«Numa sociedade em via de transformação, as instituições novas destinadas a substituir as antigas, sejam de ordem economica, religiosa ou politica, não aparecem de subito, elaboram-se e precisam-se a pouco e pouco». — *Dufour*.

## Respigando

Sobre a "questão incerta" de agressores e agredidos:

Da *Aurora* de 17-1-915, em carta de Monatte:

«Ainda pôde estabelecer-se, de modo claro e conciso, que o governo francês fez todo o possível para salvar a paz durante a última semana de julho.»

Da *Aurora* de 4-10-914:

«Nós (os italianos) que estamos por enquanto fóra da guerra europeia, podemos com certa segurança, perceber quais foram os Estados agressores e quais os agredidos.»

Da *Humanité*, de 22-1-915, extraído do jornal holandês *Volk*, sobre a oposição crescente á guerra que se forma entre os socialistas alemães:

«Ella (a oposição) compreende que foi sobretudo a atitude da Alemanha que se tornou decisiva nos dias que precederam a declaração da guerra. «Do que atualmente se conhece, conclue-se que houve um momento nas negociações em que dependia da Alemanha que a guerra não estalasse. Sob a pressão inglesa conversações se tinham entabulado que permitiam a possibilidade de se evitarem actos de violência.»

Da *Bataille Syndicaliste*, de 26-11-914, artigo de J. Grave:

«Estou convencido de que os nossos governantes desejavam a paz e que trabalharam sinceramente para que ella se mantivesse.»

A questão da agressão, não é, como se vae vendo, para muita gente, tão incerta como parece.

\*

Da *Aurora* de 20-12-914, (manifesto anarquista):

«E ainda que não tenha de se produzir, dentro em pouco, uma crise revolucionaria, precisaremos retomar, no fim da guerra, a obra que ella interrompeu evitando recair nos antigos erros.»

E mais adiante:

«Iremos nós recommençar, no ponto de vista economico, a pequena luta fatigante e illusoria de hontem pelas mais enganosas melhorias!»

*Erros antigos, lutas illusorias...*

D'acordo, d'acordo! Mas então sempre parece haver alguma coisa a corrigir! Vamos andando, que por fim todos nos havemos de entender! Ha-de levar seu tempo a desfazer a confusão, mas lá havemos de chegar.

\*

Da *Aurora* de 18-10-014, artigo de fundo.

«Tudo isto não nos impede, é claro, de exprimir igualmente a nossa simpatia pelos revolucionarios francezes, cuja atitude não discutimos, sobretudo neste momento, supondo-a aliás determinada por circunstancias especiais, que só elles são capazes e teem o direito de avaliar.»

Da *Aurora* de 13-12-914, 3.<sup>a</sup> pag. 1.<sup>a</sup> columna.

«A *Aurora* inseriu no numero passado, sem nota da redação, um artigo que, por estar em contradição com as ideias por ella sustentadas até hoje, etc; (e mais adiante): «Não havia tal escolha forçada entre dois males, (ati-

tude dos revolucionarios francezes.) Entre a insurreição que se não pôde fazer, admitamo-lo, e marchar solidariamente para a guerra, magnificando a, atribuindo-lhe intuitos e fins revolucionarios, havia outros caminhos dignos e coherentes, etc.

Vamos andando, que para quem não discute atitudes, as quaes só os que as tomam teem o direito e as podem avaliar... Sem falarmos no mais que se tem dito!

Amarus.

### Ainda a mancha

A *Aurora*, declarando que para nós a saída mais airosa era rectificar... um erro que não cometeramos e que só existiu na sua imaginação, despede-nos um chuvaireiro tal de perguntas, que se fossemos a responder-lhe encheríamos mais de uma columna do jornal com... amostras de dize-tu direi eu. Cingindo-nos ao ponto, isto se apura:—a *Aurora* confessa que não pretendeu negar a existencia da mancha, tomando as dores da Kultur, o que quis foi mostrar que ella é geral. Bem está. Mas nem a demonstração era necessaria, nem que o fosse os termos dela seriam aqueles.

### Socialistas alemães

Só agora vimos referencia a uma reunião eleitoral socialista que em dezembro houve em Mannheim, para a substituição do deputado Ludwig Frank morto na guerra. Parece que essa reunião foi uma nova prova do zelo com que o partido socialista alemão está ao lado do kaiser. Senão veja-se como ahi se exprimiu o candidato Oscar Geck:

«Os interesses da massa operária são, nesta guerra, identicos aos do conjunto da nação. Nesta luta desesperada, a sorte do povo alemão será a da massa dos operarios. A felicidade de uma é a felicidade de outra. O que a classe operária alemã nesta horrivel guerra faz pela patria, ella o faz em primeira linha por si mesma.»

E veja-se tambem isto que escreveu um jornal:

«A classe dos trabalhadores na Alemanha tem um interesse vital em destruir para sempre os entraves que o capitalismo inglês causava á industria alemã e ao commercio alemão. O sr. Geck, na reunião de Mannheim, foi o interprete das ideias de todo o partido socialista.»

E' completo.

### Agitador

Com o numero 24 terminou este jornal o 1.<sup>o</sup> ano da sua publicação, resolvendo o seu grupo editor suspendê-lo por algum tempo para regularizar as suas contas, e avisados todos os seus agentes e assignantes para procederem á liquidação dos seus debitos, devendo mandar as respectivas importancias ao camarada José Augusto Ferreira = Vidago.

## Karl Marx e a França

Houve dois Marx,—um amigo e outro inimigo da França? Eis a parte do artigo de Ch. Albert, que prometemos no ultimo numero.

A' linguagem de um Marx amigo da França, que refere Coupret e que é, por certo, autentica, convem opôr uma outra — ai de nós! — não menos autentica.

A 20 de Julho de 1870, cinco dias depois da declaração de guerra entre a França e a Alemanha, Marx escrevia a Engels:

*Remeto-te o «Réveil». Ahi verás o artigo do velho Delescluze. E' do mais puro chauvinismo. «A França é o unico pais da Ideia»,—escreve esse republicano patrioteiro — sim, da ideia que ella faz de si mesma.*

*... os francezes precisam descansados. Se os prussianos saem vitoriosos, a centralização do poder do Estado será util á centralização da classe operaria alemã. Alem disso, a preponderancia alemã transportará o centro da gravidade do movimento operario de França para a Alemanha e basta comparar o movimento nos dois países, desde 1866 até agora, para se ver que a classe operaria alemã é superior á francesa tanto no ponto de vista da teoria como no da organização. A preponderancia, no teatro do mundo, sobre o proletariado francês seria ao mesmo tempo a preponderancia da nossa teoria sobre a de Proudhon.*

Da correspondencia trocada, nessa epoca, entre Marx, Engels e Kugellmann, resulta que Marx considerava a guerra implacavel então feita pela Alemanha á França, já esmagada, como uma guerra defensiva, portanto legitima e desejava que os operarios revolucionarios francezes, os «imbecis da França», como elle os chamava, não fizessem coisa alguma para entravar a vitoria alemã, antes de concluida a paz alemã, a paz de Bismarck. Desejava não é o termo proprio. Mas empregava a sua actividade para que assim succedesse.

E' necessario recordar que, no proprio momento em que os internacionais francezes começavam contra o imperio uma luta desesperada, Marx e Engels encetavam contra elles,—de quem temiam no seio da Internacional o espirito de independencia e a audacia revolucionaria — uma campanha oculta de calunias e intrigas?

### Corrigindo

No sueto — *E a Belgica?* do ultimo numero sahiu «por veses», quando nós tínhamos escrito — «por avessos.»

## A legislação operaria

O sr. Antonio Pereira — que se diz compositor-tipografico e a quem o orgão evolucionista chama conhecido propagandista operario — declarou áquele orgão, que Portugal é um dos países do mundo que tem mais vasta legislação operaria,—toda uma larga colecção de diplomas onde o operariado é posto ao abrigo de extorsões e de violencias, sem que apesar disso tenham cessado seus lamentos.

E esclareceu: E' que ha sérias razões de queixa. As leis não são cumpridas, porque o governo não nomeia os respectivos fiscaes, delegados seus, recrutados nas classes operarias, e aos quais fosse garantida uma situação tal que os collocasse ao abrigo das represalias dos patrões. Só assim é que podia dar algum resultado a nossa volumosa legislação operaria.

Só assim. Que elle — saibam-no todos — tem por ponto assente que só podem ser satisfeitas as legitimas aspirações da classe operaria, quando esta tenha no Parlamento a representação que lhe compete.

Ainda bem que o sr. Pereira, com estas palavras, mostra não aspirar a algum lugar de fiscal, nem pretender a tal situação garantida pelo governo. Isso nos facilita o proposito, em que ficámos, de lhe lembrar que a efficacia da legislação operaria, mesmo com muitos deputados e fiscaes, é nula se o respectivo país não possuir uma forte organização operaria, empenhada em fazê-la respeitar e cumprir...

... Como os factos teem demonstrado.

## VIDA ASSOCIATIVA

### Aos grupos e camaradas anarquistas da Região do Sul

Acha-se constituido em Lisboa com sede na Travessa d'Agua Flôr, 55, 1.<sup>o</sup>, a União Anarquista Comunista da Região do Sul. Sendo o seu comité composto do modo seguinte: Secretario geral, adjunto, externo, arquivista e tesoureiro que são respectivamente Bernardino Santos, Augusto Valdez, Adolfo Nunes, Manoel de Campos, Alberto Julio das Neves. Tem por fim unificar a familia anarquica desta região por muito acordo, sendo a quota dingresso á vontade de cada e segundo suas posses. Pede a todos os grupos da região que mandem a sua adesão, bem como permuta com todas as outras organizações para uma definição geral, e com todos os jornais operarios.

## GERMINAL

encontra-se á venda nos seguintes locais:

**Tabacarias:** MONACO, Rocio; --SARAIVA, Travessa de S. Domingos, 4 e 6; --ARAUJO, rua da Palma, 125; --IDEAL, rua dos Correios; --VOUGA, Praça do Brasil; --BELTRON, rua da Escola Politecnica, 84; --FERREIRA, calçada da Estrela, 3; --PIRES, rua do Poço dos Negros, 55; --PRAZERES, Largo da Graça; --FERREIRA, rua do Paraizo; --NUNES & PINTO, Calçada da Bica do Sapato, 16 e nos **Kiosques:** de Alcantara e da Praça Rio de Janeiro.